

SÁ, ANDRÉ CORRÊA DE. *DEPRESSÃO E  
PSICOTERAPIA EM ANTÔNIO LOBO ANTUNES:  
QUALQUER COISA QUE ME AJUDE A EXISTIR.*  
ALFRAGIDE: TEXTO EDITORES, 2019.

Jorge Vicente Valentim

Professor Adjunto de Literaturas de  
Língua Portuguesa (Literatura Portu-  
guesa e Literaturas Africanas de Lín-  
gua Portuguesa), do Departamento de  
Letras da UFSCar.

Em uma de suas entrevistas ao jornal *Público*, António Lobo Antunes chama a atenção para uma particularidade pessoal diante de sua prática no divã, não como médico, mas enquanto paciente, a ponto de compreender os diálogos tecidos entre ele e seu terapeuta como uma espécie de “conto de fadas científico”. Por isso, ao refletir sobre essa experiência dialógica, a sua percepção assertiva recai precisamente sobre o fenômeno gerador de incômodos e inquietações: “O que é a depressão? É quando a gente deixa de pensar” (ANTUNES, 2008).

Uma afirmação como essa dá a perceber, mesmo ao leitor menos acostumado com o universo ficcional loboantuniano, que a medicina e os seus correlatos (doenças das mais variadas categorias, tratamentos profiláticos, descrições das diversas profissões voltadas para as áreas da saúde e confissões subjetivas de um intimismo perturbador, dentre outras) constituem componentes importantes na trajetória literária do autor português em foco. Não à toa, Graça Abreu sublinha acertadamente, no seu verbete ao *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*, o fato de que “o exercício da medicina atravessa todos os romances, seja mediado por personagens principais, seja-o por secundárias” (ABREU, 2008, p. 362).

Se recordarmos, como já é de conhecimento público, que o próprio autor vem de uma família de conceituados profissionais da área (entre neurocirurgiões e neuropediatras) e ele fora destacado como médico

militar durante o período de 1971 a 1973 em Angola, em tempos de guerra colonial, a constatação dessa presença leitmotívica não apenas nos romances, mas nas suas obras de uma forma geral (penso, aqui, nas suas crônicas e na sua epistolografia, por exemplo), mais se fortalece e ganha um grau de visibilidade singular dentre os escritores portugueses contemporâneos ainda em franca produção.

Isso até poderia conduzir à conclusão precipitada de que quaisquer estudos com o foco analítico e interdiscursivo entre literatura e medicina na obra de António Lobo Antunes resultariam em produtos desluzantes e repetitivos entre si. Felizmente, o complexo conjunto de obras do autor de *Memória de elefante* muito longe está dessa condição tautológica. E isso fica mais uma vez comprovado com o recente ensaio de André Corrêa de Sá, docente da Universidade da Califórnia (Santa Barbara). Resultante de sua Tese de Doutorado, defendida em 2014, na Universidade de Évora, *Depressão e psicoterapia em António Lobo Antunes* nada tem de gratuito ou previsível, muito pelo contrário, posto que o investigador se vale de uma premissa incisiva para analisar o escopo literário do autor escolhido, enquanto objeto de investigação.

Aliando um profundo conhecimento dos estudos voltados para as áreas clínica e médica (de que o próprio investigador também é um cuidadoso leitor, já que possui Licenciatura em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Coimbra), com uma refinada li-

nha teórica que engloba nomes mais diversos, como os de Bertrand Russell, Ítalo Calvino, Mikhail Bakhtin, Peter Kramer, Peter Sloterdijk, Richard Rorty, Richard Sennett, Sigmund Freud e Zygmunt Bauman, apenas para ficar entre os principais, André Corrêa de Sá consegue arquitetar uma linha própria e original de leitura da obra do escritor português, sem, no entanto, perder de vista o olhar escrutinador sobre a fortuna crítica loboantuniana. Desse modo, dialoga com justiça com Ana Paula Arnaut, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Eunice Cabral, Maria Alzira Seixo e Sergio Guimarães de Sousa, sem abrir mão de declarar tanto as convergências que com eles estabelece, quanto o seu assertivo posicionamento autoral em relação ao *corpus* analisado.

Um dos aspectos dignos de nota é a generosidade do ensaísta com os seus leitores, no tocante ao esclarecimento dos caminhos metodológicos e analíticos adotados. Assim, logo no início, faz questão de esclarecer que o vocabulário agenciado para abordar os temas da “depressão e psicoterapia é, portanto, o género de vocabulário que se obtém nos manuais técnicos de psiquiatria clínica e de psicoterapia e que, de resto, não será desconhecido do próprio autor, que o terá utilizado durante os anos em que foi psiquiatra e psicoterapeuta” (SÁ, 2019, p. 11). Dessa forma, aproxima-se do exercício profissional do autor eleito para articular e fundamentar as suas próprias reflexões, com a singular sugestão de que os universos

ficcionais lobantunianos dão ênfase à depressão, do mesmo modo como “ilustram também um processo dinâmico de transformação interior que tem a função de interromper e limitar esse sofrimento psíquico. Essa ideia simples e intuitiva resume o argumento sobre a obra de António Lobo Antunes que desenvolvo continuamente ao longo deste livro” (SÁ, 2019, p. 11).

A própria divisão arquitetural do trabalho confirma essa preocupação didática em movimentar o pensamento a partir de blocos estruturantes e com eixos bem definidos na sua disposição. Assim, na Parte I (“Depressão e criação literária”), as seções 1 (“A esquisita forma de viver dos adultos”) e 2 (“Investigar o passado”) revelam já a singularidade da veia ensaística de André Corrêa de Sá, na medida em que, neste primeiro bloco, se destaca um viés particularíssimo de ler a obra de António Lobo Antunes, ao propor uma junção de “depressão, angústia existencial e criação literária” pelo viés da “retórica do enigma e do livro policial” (SÁ, 2019, p. 12).

Aqui está a grande novidade da sua proposta, não só porque procura vasculhar os títulos do autor pelo viés do romance policial (em diálogo com as suas fontes paradigmáticas, de Edgar Allan Poe a Sir Conan Doyle), mas também porque, muito salutariamente, frustra qualquer expectativa comum do leitor em buscar, ali, um simples tipo de verificação enumerativa das ocorrências médicas nas obras loboantunianas. Trata-se muito mais que isto. Não à toa, *Depres-*

*ção e psicoterapia em António Lobo Antunes* figura numa coleção destinada ao escritor português, sob a chancela da Texto Editora, ao lado de outros renomados pesquisadores, tais como Ana Paula Arnaut, Catarina Vaz Warrot, Felipe Cammaert, Norberto do Vale Cardoso, Sergio Guimarães de Sousa e Susana João Carvalho.

A curiosidade suscitada na Introdução e na Parte I (“Depressão e criação literária”) acaba por se confirmar na Parte II (intitulada “Histórias da Depressão”), onde o ensaísta dedica-se a examinar a “geografia emocional trilhada na primeira trilogia do autor” (SÁ, 2019, p. 12). Assim, as seções 3 a 5 (respectivamente, “*Memória de Elefante: assobiar no escuro*”, “*Todos os anões choram baixinho*” e “*Em busca da mãe perdida: tempo, silêncio, transferência*”) corroboram o seu projeto de leitura das primeiras obras loboantunianas, bem como as explicam, sublinhando um rico e substancial jogo de ressonâncias com outras da etapa mais recente do autor. Desse modo, André Corrêa de Sá consegue montar um mosaico intratextual entre obras tão distintas, como *Memória de elefante* (1979), *Os cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do inferno* (1980), com *A ordem natural das coisas* (1992), *Exortação aos crocodilos* (1999) e *Eu hei-de amar uma pedra* (2004).

Por fim, na Parte III (“Grupanálise e composição narrativa”), as seções 6 a 9 (“A primeira sessão de grupo”, “A técnica de grupanálise”, “Comunicação por pa-

lavras: a regra fundamental da frase” e “Grupanálise e polifonia”) robustecem o projeto analítico ao deixar em evidência a retomada temática presente nos romances já analisados, agora, aliados a outras situações encontradas em *Fado alexandrino* (1983), *O manual dos inquisidores* (1996), *O esplendor de Portugal* (1996), *Não entres tão depressa nessa noite escura* (2000), *Ontem não te vi em Babilónia* (2006) e *Arquipélago da Insónia* (2008). Confirma-se, portanto, a ideia de “aquilo que é diegeticamente representado nesse capítulo de *Memória de Elefante* será depois glosado na armação polifónica dos romances posteriores”, a partir da percepção do “carácter membranoso” (SÁ, 2019, p. 169) dos textos, “como se o seu sistema polifónico tivesse sido traçado para obedecer, formalmente, às convenções de uma psicoterapia de grupo” (SÁ, 2019, p. 169).

Ou seja, de uma ponta a outra, dos textos de 1979 e 1980 até os mais recentes, vindos a lume a partir dos anos 2000, consegue o autor do ensaio construir uma rede de relações intratextuais, temáticas, estruturantes e arquiteturais, defendendo, com propriedade, que existe uma profunda “densidade de um mundo original e coeso, extensível desde *Memória de Elefante* a *Para Aquela que Está Sentada no Escuro à Minha Espera*, a esta data o último romance de António Lobo Antunes que tive o prazer de ler” (SÁ, 2019, p. 216), tal como bem elucidada.

Aliás, a relevância que o primeiro romance de António Lobo Antunes possui nesse projeto de estudo

arquitetado pelo investigador já surge anunciada no subtítulo do seu trabalho, ao resgatar a última frase proferida pelo protagonista de *Memória de elefante* (“podes achar idiota mas preciso de qualquer coisa que me ajude a existir” [ANTUNES, 2004, p. 156; grifos meus]), como um *leitmotiv*, uma célula original para a construção de uma espécie de DNA loboantuniano, presente em obras subsequentes. Depreende-se, portanto, que esse anúncio sugerido concretiza-se no passo a passo das etapas analíticas apresentadas e desenvolvidas.

No meu entender, o ensaio de André Corrêa de Sá tem nessa terceira parte e na conclusão os seus momentos culminantes, porque se, por um lado, ele consegue transpor a própria dimensão hercúlea do exercício de análise romanesca, que a obra de António Lobo Antunes impõe a qualquer leitor seu, por outro, ele igual e generosamente fornece os caminhos a serem trilhados e, ao mesmo tempo, não deixa de entrar no próprio jogo por ele criado, porque também procede como uma espécie de detetive atrás das pistas detectadas e das descobertas a serem colhidas. Por isso, não à toa, a originalidade de sua leitura mostra-se na coerente junção dos pressupostos clínicos articulados com um dos vieses textuais capazes de sustentar as suas argumentações. Ou seja, naquele “*carácter premonitório da sessão de grupanálise: nas vozes dispostas em círculo, em associação livre, guiadas por alguém cuja presença é frequentemente silenciosa, flutuante*” vislumbra-se “a



*singularidade composicional das suas narrativas, que, como veremos, oferecem ao leitor tanto a função do analista como o lugar do analisando” (SÁ, 2019, p. 173; grifos meus).*

Circulando, nesse sentido, entre os diferentes papéis de uma sessão terapêutica – de analista na cadeira a ouvir os relatos e, ao mesmo tempo, de analisandos deitados no divã numa produtiva efabulação narrativa –, os textos de António Lobo Antunes fornecem ao leitor uma oportunidade de lidar com situações muito díspares entre si, mas altamente enriquecedoras para a arquitetura do bordado ficcional. Mas, por outro lado, fico a me interrogar se não será esse também o gesto do autor do ensaio. Não estará o investigador assumindo, aqui, a postura analítica de quem perscruta atentamente o discurso do outro (no caso, as obras do autor de *Memória de Elefante?*), ao mesmo tempo em que fornece a narrativa de sua própria visão e percepção críticas do universo loboantuniano? E, ao acolher essas duas performatividades, não estará o ensaísta também abrindo um espaço para a participação de um terceiro elemento nessa equação: o seu próprio leitor?

Acredito, portanto, que não haveria uma forma mais apropriada de encerrar o seu percurso, a não ser com uma parte conclusiva, intitulada “Pontos de chegada: e depois da depressão?”. No lugar de sustentar certezas absolutas, o investigador prefere referendar a inquietação das incertezas e o confronto com temas e situações, muitas vezes, desestabilizadoras de um aco-

modado lugar-comum. Para isso, a forma direta com que expõe a sua perspectiva mais atrai e convida o leitor a entrar definitivamente nos universos ficcionais loboantunianos, onde a depressão e a polifonia grupo-analítica transitam paralelamente. Assim, exorta, mais uma vez, o autor do ensaio:

[...] já frisei um sem-número de vezes aquilo que a depressão, na acepção em que a uso, nestes livros nunca foi: não foi um libelo acusatório, nem contra traumas infantis, nem contra a guerra colonial, nem contra a psiquiatria hospitalar; e também não significou uma metáfora para uma melancolia romantizada. O equilíbrio que assim se enuncia é o que resulta de aprender a tolerar menos angustiadamente as contingências da vida. Será que estamos, ao terminar a leitura, mais resistentes à frustração? (SÁ, 2019, p. 214)

Se uma resposta definitiva é menos importante do que a pergunta *per se* que ecoa em André, leitor de António Lobo Antunes, essa reverberação não deixa também de seduzir outros leitores, dentre os quais, eu mesmo me incluo. E para provar, deixo aqui um relato pessoal, em forma de conclusão. Os que me conhecem sabem que sempre fui muito reticente em relação às produções mais atuais do escritor português. Na minha condição de defensor de certos postulados críticos, a trilogia inicial sempre me tocou mais, porque a entendia como o grande momento da escrita loboantuniana, ao lado, é claro, de outros títulos que me despertam uma profunda inquietação, como são os casos

de *O manual dos inquisidores* (1996) e *O esplendor de Portugal* (1997). Fora isto, a minha objeção aos romances dos últimos vinte anos sempre fez de mim um leitor reticente e desconfiado. No entanto, confesso que o ensaio de André Corrêa de Sá conseguiu despertar a curiosidade e a vontade de olhar novamente as obras recentes de Lobo Antunes com uma outra perspectiva, menos ácida e rigorosa, e, agora, certamente, mais receptiva e positiva.

Será isto um efeito da leitura que aqui apresento de *Depressão e psicoterapia em António Lobo Antunes* (2019) ou da própria obra do romancista português, que passa a ter um novo colorido e um horizonte outro por onde caminhar? Gosto de pensar que, muito provavelmente, a explicação pode ser encontrada na junção dos dois efeitos, porque se o romance de António Lobo Antunes, como nos faz crer André Corrêa de Sá, “nos ensina a escutar profundamente” (SÁ, 2019, p. 127), não menos a sua belíssima análise do autor de *A outra margem do mar* (2019). Afinal, ela convoca-nos a visitar os universos loboantunianos para neles encontrar, quem sabe – como o subtítulo do trabalho bem sugere – *Qualquer coisa que me [nos] ajude a existir*. No meu entender, essa é, talvez, a chave mais bem sucedida do presente ensaio: a de conseguir seduzir outros leitores a outros universos e a renovadas concepções de leitura. Bem haja.

## Referências

- ABREU, Graça. Medicina, Médicos. In: SEIXO, Maria Alzira (dir.) *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008, p. 362-366.
- ANTUNES, António Lobo. *Memória de elefante*. 22<sup>a</sup> edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004. Fixação do texto por Graça Abreu.
- ANTUNES, António Lobo. “Como posso eu, cristal, morrer?”. Entrevista concedida a Anabela Mota Ribeiro. *Público*, 12 out. 2008. Disponível em: <https://www.publico.pt/2008/10/12/jornal/lobo-antunes--como-posso-eu-cristal-morrer-279575>. Acesso em: 25 jul. 2020.
- ANTUNES, António Lobo. *Memória de elefante*. 22<sup>a</sup> edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004. Fixação do texto por Graça Abreu.
- SÁ, André Corrêa de. *Depressão e psicoterapia em António Lobo Antunes: Qualquer coisa que me ajude a existir*. Alfragide: Texto Editores, 2019.